

## A PROPÓSITO DO ROMANCE "ZERO" DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

Doloris R. Simões de Almeida \*

Quando entre nós começa a despertar grande interesse a estética ou teoria da recepção, achamos oportuno trazer para o conhecimento dos leitores brasileiros a tradução de um comentário do conhecido e conceituado crítico das letras alemãs Jörg Drews, do jornal *Süddeutsche Zeitung*, de Munique, que em longo comentário procura analisar o romance ZERO de Ignácio de Loyola Brandão.

Impõe-se, principalmente aqui, para o estudioso brasileiro, a tarefa de coletar e avaliar a recepção da obra de arte literária nacional, publicada em língua diferente e comentada por um leitor inserido em outro ambiente sócio-cultural.

Assim, realizando um balanço dos trabalhos críticos sobre um autor ou uma obra num outro país, está-se levantando material para uma avaliação da recepção desta obra e desse autor em determinado momento.

"Que vem a ser estética da recepção?" indaga José Guilherme Merquior em recente artigo publicado na *Voz do Povo*:

"Para simplificar, digamos que consiste, dentro da crítica moderna, na descoberta do leitor".

Com o nome de "estética da recepção" a teoria tem sido divulgada há mais de dez anos pelo grupo que se convencionou chamar de Escola de Constança (modernismo também empregado ao grupo de Adorno, Horkheimer e Habermas, que se chama de Escola de Frankfurt) e é liderado pelo dinâmico líder da equipe, Hans Robert Jauss.

Para a estética da recepção, o texto é visto como uma oferta de comunicação ao leitor e não apenas como o reflexo de fenômenos básicos ou manifestação de estruturas profundas.

Essa interação de texto e leitor é o centro de interesses da teoria, que trabalhando sob aspectos diversificados, examina condições, modalidades e resultados do encontro obra e receptor, sem perder de vista que a obra literária nasce relacionada com um público e depois vive nessa relação. O efeito de uma obra é visto em dependência da produção ativa dos receptores.

Jauss está empenhado em poder tornar descritíveis e de maneira sistemática os fenômenos da recepção e para tal propõe seu método.

Traduzindo e publicando a recepção da obra de Ignácio de Loyola Brandão na Alemanha de hoje, estaremos colaborando para uma visão cada vez mais ampla do eco e da compreensão que uma obra possa ter, e para que ela se faça sentir entre nós.

BEI DEN ELENDE UND KRANKEN

Zu dem Roman "Null" des Brasilianers Brandão

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO: Null. Prähistorischer Roman. Aus dem Brasilianischen und mit eihem Nachwort von Curt Meyer-Clason, Suhrkam-Verlag. 392 Seiten, 38 Mark.

Jornal: SUDDEUTSCHE ZEITUNG, 15/16. III. 1980, pág. 142

JUNTO AOS MISERÁVEIS E DOENTES

Observações sobre o romance ZERO do brasileiro Brandão

IGNACIO DE LOYOLA BRANDÃO: Zero. Romance Pré-histórico. Tradução e epílogo de Curt Meyer Clason, Editora Suhrkamp. 392 pp, 38,00 DM

Há muito que um livro não me assustava, comovia e entusiasmava tanto quanto esse. Certamente, poucos livros publicados nesses últimos anos são como esse romance do brasileiro Brandão: tão cruel e no entanto tão solidário com os subdesenvolvidos, com os desnutridos, com os miseráveis e doentes da América Latina,

esses dominados e desprezados desse mundo, ao mesmo tempo tão atual quanto às técnicas literárias modernas, tão afastado da sentimentalidade e do realismo chulo.

Em momento algum há o distanciamento entre o que é narrado e o narrador, entre o que é narrado e o leitor, de tal maneira que se torne cômodo para o autor ou leitor se identificarem com a história e suas personagens. A continuidade de tudo aquilo que é narrado sobre a vida do fracassado estudante de Direito, trabalhador ocasional, marginal e guerrilheiro urbano José Gonçalves e sobre o país no qual ele vive — Brasil no presente e num futuro próximo — é dispersada em descontinuidade e incoerência: é um mosaico de retalhos narrativos, que, distanciados, são apresentados com fria indiferença. Na verdade Brandão escreve com um desespero mal contido. Escreve desesperado pelo destino daqueles que não tem oportunidades, daqueles que por enquanto permanecerão na pobreza, superstição e dependência política, justamente porque eles não tem chance de chegar a uma consciência política. A história de José Gonçalves não é simplesmente apresentada como padrão. Ela é uma curta passagem da parte narrativa do livro: José é apenas uma partícula dentro do caos político e social nesse inferno de miséria, ignorância e repressão assassina que o romance mostra.

O que às vezes na poesia experimental ou na poesia concreta tem a aparência de um jogo, recebe, neste romance, amarga função carregada de realidade social e significação narrativa: o texto se divide em duas colunas. Ele é entrecortado de "inserts", intercalado com desenhos, flanqueado e relativizado com anotações, comentários e amargas anedotas, preenchido com decretos governamentais e citações de discursos do presidente; aparentemente, a história de José se perde dentre participações de casamento, estatísticas, anúncios de jornais, histórias de doentes e slogans de propaganda e assim o leitor é levado autenticamente pelo narrador, criando-se o espaço social e político, no qual se desenrola a história de uma vida como a de José. É o espaço dos contrários insolúveis, das eternas confrontações, um espaço como o clima da violência, de choques das camadas sociais e civilizações.

Em ZERO, uma das personagens, por exemplo, é funcionário da IBM durante o dia e à noite é um iniciado de uma seita de culto afro-brasileiro. Em tal constelação se retrata a tensão interior da sociedade brasileira, que é dilacerada entre tradições religiosas pré-históricas e colonialismo civilizador. Muitos se refugiam da miséria entregando-se ao culto, porque as instâncias políticas e religiosas não os apoiam, ao contrário, os abandonam.

A vida de José Gonçalves vai dar num outro impasse: a revolta o conduz à criminalidade e também ele é indiretamente absorvido pelo desvario religioso de uma cerimônia de purificação do culto. A mãe de santo e semi-sacerdotiza Igê-Scha procura um objeto ritual sobre o qual deve ser transferido o crime, em processo cômico assassino. Rosa Gonçalves é a sacrificada. Ela é dilacerada, retalhada e consumida aos pedaços e seus despojos são enterrados em uma cratera da obra de construção do metrô. (Brandão sabe o que diz: em sua época de repórter policial ele conheceu muito bem tais rituais assassinos). José, criado em uma cidade de província, por uma mãe ignorante e um pai frio e distante chega à metrópole — tanto o nome Brasil quanto São Paulo nunca são citados textualmente — tornando-se um marginal. Após interromper os estudos, passa a ser mata-ratos em um cinema, trabalha em um show de monstruosidades, anestesia sua solidão através de um casamento, que não vai além de umas semanas de brutal sexualidade, e que o lança em dívidas e prestações. Procura sair dessa situação praticando assaltos. Sua revolta se concretiza em atos de terror individual; mais tarde ele se une a um grupo de terroristas políticos, mais propriamente de maneira inconstante, não muito convencido de suas ações até que o grupo é preso e seus componentes, depois de torturados, são lançados do helicóptero sobre um região deserta.

ZERO é o valor de todas as criaturas que não são nascidas das classes superiores, é o valor do qual uma ditadura militar reduz a todos martelando-os com propaganda, embotando-os com slogans de comerciais, espezinhando-os com burocracias, dispersando reuniões a porretadas, mandando delatá-los e torturá-los até a morte por comandos especiais. ZERO simboliza também a

nulidade e a impossibilidade de encontrar uma saída de uma situação política que é cercada e fechada por um governo que compra de seus amigos da América do Norte as armas e as canções, os computadores e os especialistas no combate a guerrilheiros. O cenário social de Brandão tem, em parte, traços grotescamente-satíricos; ele pinta um "1984" sulamericano no qual o subdesenvolvimento é mantido e controlado constantemente através de moderníssimos métodos de repressão; no entanto, nos pontos mais importantes não há exageros: as torturas, a que são submetidos os companheiros de Gonçalves e no final ele mesmo, foram provadas às dúzias nos relatórios das comissões dos direitos humanos e por Amnesty International.

Esta minha descrição é apenas uma idéia incompleta do livro de Brandão. O romance impele e arrasta o leitor de cá para lá entre curtos e cruéis relatos de vidas de pobres diabos, narrados à margem; entre notícias de jornais sobre violências; entre os diálogos nos postos policiais e as breves instruções que os vigias recebem de acordo com a divisa: se alguém disser que nesta terra se tortura e assassina, então será ele torturado e assassinado, a fim de que não possa mais dizer que foi torturado e assassinado (e quando nós tivermos acabado com todos os terroristas e comunas, poderemos deixar entrar uma comissão dos direitos humanos da ONU: mortos não falam).

Em parte alguma Brandão idealiza ingenuamente o mito da nobre pobreza: todos estão tão danificados em sua substância humana que só lhes resta a violência. Em momento algum ocorrem receita, padrão de ordem política ou religiosa e Brandão apenas se refere ceticamente ao mito Che Guevara, ao mito Cristo, ao mito tupamaro. São visões tão pervertidas quanto o sacrifício ritual da vida da mulher de José, Rosa, que além de tudo ainda se chamava Maria e cuja morte pode ser lida como o sacrifício substitutivo de um Cristo feminino.

ZERO é uma imagem apocalíptica de uma sociedade "latindia" da América, cujas criaturas José Gonçalves vislumbra no delírio de sua agonia como sendo aquelas sobre as quais caiu, em nossa época, a maldição e o sofrimento do povo judeu. Este é um

daqueles livros, que depois de publicado, ninguém mais poderá dizer que não "sabia" isso ou aquilo ou que não poderia ter sabido.

Jörg Drews.

\* Dra. em Letras — USP  
Prof<sup>a</sup> Titular da UFSC